

IDA AOS COGUMELoS

*Pinhal de Leiria verde afã
mote cristalino da manhã
em que parto pela luz salina.
Percorro os teus caminhos no olhado
do meu mais botânico cuidado
da minha expectativa bizantina.*

*Vou armado de saque e de rapina
e duma agudeza sistemática
que em arremedos de gramática
evoca nomes de raiz latina.
Vou na senda de seres estranhos e belos
vou partir enfim aos cogumelos.*

*Mesmo em frente em onda purpurina
reflectindo uma vaga luz cerina
rússulas dispostas em espiral,
num cortejo rubro e triunfante
como bolas de sabão que nesse instante
cáissem duma árvore de Natal.*

*Mais além como taças de cristal
esquecidas duma festa celta,
o amarelo agudo, a forma esbelta
ou por vezes o branco virginal
de clitocybes que em mil maneiras
se vão estendendo em rodas feiticeiras.*

*De velhas pinhas nascem como antenas
liláceas e efémeras mycenas
notas de uma música silente
e mesmo ao lado num contraste agreste
cortinários dum azul celeste,
lactários dum laranja ardente.*

*Quedo junto a amanitas mágicas
que se fundem colunares em bodas trágicas
brancas neves em fundos rutilantes.
Dentro delas deuses cativaram
orvalhos que seus olhos derramaram
e encerraram em sonhos divagantes.*

*Meto tudo num cesto e vou para casa
meu espírito sereno em tábua rasa
esquecido da azáfama tirânica
do rodopio do exterior, que foi varrido,
para longe, deixando-me entretido
numa superior vocação botânica.*

Leiria, Novembro 1982
Jorge Estrela